

# Insígnias quinhentistas e seiscentistas de Comendadores das antigas Ordens Militares portuguesas com figurações de inspiração Namban

## > Insígnias das Ordens Militares nos retratos da Galeria dos Vice-Reis de Goa

Em 1998, tive a oportunidade de apresentar ao Congresso Internacional *Vasco da Gama, Homens, Viagens e Culturas*, uma primeira comunicação sobre a identificação dos diferentes tipos de insígnia das antigas Ordens Militares portuguesas patentes nos retratos pintados na galeria dos vice-reis e governadores da Índia Portuguesa, em Goa. No seu conjunto, esta galeria de retratos constitui uma das mais importantes fontes de informação sobre a evolução cronológica do desenho das insígnias, desde meados do século XVI até à importante reforma emblemática decretada pela rainha D. Maria I a 19 de Junho de 1789.<sup>1</sup>

Os diferentes tipos de insígnias estudados, pendenteados de fita ao pescoço nos 59 retratos, pintados no período de 1545 a 1668, foram ordenados em três tipos emblemáticos principais, apresentando a seguinte distribuição estatística:

- **tipo 1, insígnias ovais** – 34 retratos, com 30 insígnias da Ordem Militar de Cristo, 3 insígnias da Ordem Militar de Avis e 1 insígnia da Ordem Militar de Santiago da Espada;
- **tipo 2, insígnias losangulares** – 2 retratos, com insígnias da Ordem Militar de Cristo;

- **tipo 3, insígnias tetralobadas** – 3 retratos, com 2 insígnias da Ordem Militar de Cristo e 1 insígnia da Ordem Militar de Avis.

Destes tipos principais ilustram-se imagens ampliadas das insígnias dos seguintes retratos:

- D. António de Noronha, vice-rei, 1571-73 (insígnia de Cristo oval).
- General Matias de Albuquerque, vice-rei, 1591-1592 (insígnia de Avis oval).
- Pedro da Silva, vice-rei, 1631-1639 (insígnia de Cristo losangular).
- Manuel Mascarenhas Homem, governador, 1656-1657 (insígnia de Cristo tetralobada).

Merece destaque o retrato do governador general Matias de Albuquerque (? – 1609), não só pela raridade da ilustração de uma insígnia da Ordem Militar de Avis, perfeitamente representada em todos os pormenores emblemáticos (cor e formato da cruz), como também, por ser conhecida a data da sua atribuição, em 1590, como insígnia da comenda de Olivença na Ordem Militar de Avis, por ocasião da sua nomeação como vice-rei da Índia (18 de Janeiro), insígnia essa que Matias de Albuquerque levou consigo para Goa.<sup>2</sup>

## ABSTRACT

### Sixteenth-century and seventeenth-century Insignia of Knight Commanders of the three Portuguese Military Orders of Knighthood with Namban-inspired engravings

The study of the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries insignia of Knight Commanders of the three Portuguese Military Orders of Knighthood preserved in the collection of the Ducal House of Lafões allowed an unprecedented look at three sets of badges described in inventories of the same house as coming from the House of Sousa (Arronches).

In the first set some badges are described as being from the Orient, with rare Eastern manufacturing styles. The second presents the insignia belonging to the Captain-General of two armed fleets to India, D. Jorge de Sousa (1560 and 1563). In the third set, consisting of six insignias of the three Military Orders

of Portuguese manufacture from around 1640-1680, the obverses feature engravings with Namban-inspired figurations, which were identified in Japanese lacquers from Portuguese collections and on a Kobe Museum screen from about 1600.



Imagem 1a-b  
D. António  
de Noronha.

Imagem 2a-b  
General Matias  
de Albuquerque.

Imagem 3a-b  
Pedro da Silva.

Imagem 4a-b  
Manuel  
Mascarenhas  
Homem.

### > Insígnias das Ordens Militares noutros retratos seiscentistas

No mesmo ano de 1998, a exposição *Os Construtores do Oriente Português*, organizada pela CNCDP, revelou dois retratos pintados onde se encontram representadas insígnias do mesmo tipo oval, respectivamente, de D. Vasco da Gama (retrato de 1597, insígnia da Ordem Militar de Cristo) e de D. Francisco de Almeida (do século XVII, insígnia da Ordem Militar de Santiago da Espada, pendente de uma corrente).<sup>3</sup>

A mesma insígnia oval dos Cavaleiros da Ordem de Santiago (ramo espanhol) aparece representada pendendo de uma laça ao peito, numa cópia tardia de um retrato seiscentista do navegador Fernão de Magalhães, pertencente ao acervo do Museu Naval de Madrid.<sup>4</sup>

No Congresso Internacional de 1998 foram também divulgadas algumas insígnias dos mesmos tipos quinhentistas e seiscentistas existentes em acervos familiares e colecções particulares, cujo estudo com-

parativo permitiu concluir da existência de um tipo predominante: *um pendente oval, bojudo e oco, de prata, com gravados ornamentais, com a cruz da Ordem burilada ou aplicada, sem esmaltes, tendo no topo aplicações para suporte da argola de suspensão, e dimensões médias de 96x60x22 mm (para Comendador; altura, largura e espessura da oval), e de 35x20x11 mm (para Cavaleiro).*

### > Os retratos do Teatro Genealógico da Casa de Sousa (1694)

O grande incremento da arte da gravura artística verificado por todo o século XVII traduziu-se num aumento significativo dos livros impressos adornados com retratos, e que hoje constituem uma inesgotável fonte de análise iconográfica. Faz parte desse conjunto o *Theatro Histórico Genealógico y Panegyrico erigido a la Inmortalidad de la Excelentissima Casa De Sousa*, impresso em Paris em 1694 e no qual figura uma importante galeria de retratos dos primeiros condes de Miranda e

Imagem 5a-b  
Vasco da Gama.



Imagem 6a-b  
Francisco  
de Almeida.



Imagem 7a-b  
Fernão de  
Magalhães.



marqueses de Arronches, comendadores honorários de Alvalade, na Ordem Militar de Santiago da Espada, em Ourique (com rendas anuais de 1000 ducados).<sup>5</sup>

Como se pode verificar em muitos retratos pintados ou gravados durante os séculos XVII e XVIII, em que a personagem retratada pertencia a uma época histórica muito anterior, os artistas, desenhadores, pintores e gravadores representavam as insígnias das Ordens Militares como as viam no quotidiano da sua época, sem cuidar, ou sem saber, como eram na época da pessoa retratada. É assim que vemos figurar nos retratos dos condes de Miranda do Corvo, cujo primeiro título foi concedido em 1611, insígnias ovais de comendador pendentes de grossas cadeias ao pescoço (em vez da tradicional fita de seda com a cor da Ordem), cadeias essas cujo uso, tudo indica, só começou a ter grande divulgação no final de seiscentos, prolongando-se pelo século seguinte. O uso desta prisão para as veneras ou insígnias das Ordens Militares seria depois proibido por Alvará de 13 de Maio de 1765 (D. José I), que também

proibiu o uso de fitas de outras cores além das próprias de cada Ordem Militar, bem como o uso de insígnias de formas diferentes da cruz singela. Uma proibição nem sempre acatada.

É interessante verificar que, neste *Teatro dos Sousas*, a ilustração de insígnias ovais das Ordens Militares portuguesas tem início com o retrato do primeiro conde de Miranda do Corvo, prolongando-se em todos os seguintes até ao último, a quem, aliás, o livro é dedicado: D. Carlos José de Ligne (1661-1713), retratado juntamente com a sua mulher, a marquesa de Arronches, D. Mariana Luísa.

Note-se que D. Carlos José era Cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada, e não Comendador, pelo que a insígnia oval que ostenta está pendente de laça ao peito, e não de fita ao pescoço (não poderá passar despercebido o paralelo desta representação de 1693, com a cópia tardia do retrato de Fernão de Magalhães, do Museu Naval de Madrid, acima ilustrada).



Henrique de Sousa 1.º Conde de Miranda



Imagem 8a-b  
Conde de Miranda.

Imagem 9a-b  
Marquês  
de Arronches.

Imagem 10a-b  
Marqueses  
de Arronches.

Imagem 11a-b  
Conde de Miranda.



### > O acervo emblemático da Casa de Lafões

Trata-se de um espólio emblemático de grande valor histórico, não só pela sua antiguidade e expressiva dimensão de uma centena de insígnias das Ordens quinhentistas, seiscentistas e setecentistas, quase todas brasonadas ou com etiquetas de identificação, atribuídas a membros das famílias relacionadas com a casa dos duques de Lafões (casas de Sousa, Soure, Redondo, Vimioso, Miranda do Corvo, Arronches, Marialva e Cadaval), mas também porque muitas dessas insígnias figuram em inventários manuscritos do século XIX da mesma casa de Lafões, onde se registam o nome do seu recipiente e vários pormenores da sua tipologia ou ornamentação.

Um dos exemplos mais expressivos, e que aqui se ilustra, é uma insígnia de Comendador da Ordem de Cristo que foi pertença do 1.º duque de Lafões, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva (1718-1761), descrita no livro de inventário de c. 1840, a que nos referiremos mais adiante,

como “*Chapa doirada e Pendente doirado da Ordem de Cristo. Pertença do 1.º Duque de Lafões*” (fol. 11). Nesta peça existe uma etiqueta manuscrita apenas no pendente oval, que esclarece que estas duas insígnias se destinavam ao “*uniforme de gala*” (Placa: prata dourada, dia. 104 mm, peso 101 g. Pendente: prata dourada, oval 98x58x28 mm, peso 63,5 g).

Tendo em conta que estas insígnias (placa e pendente) só devem ter sido inicialmente usadas por volta dos seus vinte anos, corresponderão ao período de 1738 a 1761.

Ainda do mesmo titular, merecem referência duas insígnias de Cavaleiro, que ainda conservam as fitas originais, de cor vermelha da Ordem de Cristo, e de cor preta da Ordem de Malta, descritas no mesmo livro de inventário (fólio 11 verso) como “*Hábito da Ordem de Cristo do 1.º Duque, com fita de origem*” (prata dourada, oval 36x26x10 mm, peso 10,2 g), e “*Hábito pequeno da Ordem de Malta, pertença do mesmo Senhor*” (prata dourada, oval 35x20x11 mm, peso 7,2 g).

Imagem 12a-b  
Placa.  
Comendador da  
Ordem de Cristo.



Imagem 13a-b  
Pendente, verso  
e reverso.  
Comendador da  
Ordem de Cristo.



Imagem 14  
Hábito, reverso.  
Cavaleiro da  
Ordem de Cristo.



A existência deste hábito de portar ao peito, neste pequeno formato oval, vem preencher um vazio no estudo emblemático das insígnias do antigo regime.

### > Os inventários de condecorações da Casa de Lafões

Os inventários manuscritos oitocentistas que acompanharam o espólio emblemático das insígnias das antigas Ordens Militares da casa Lafões são poucos e muito incompletos. O conjunto mais antigo consta de dois fólios avulso, sem data, identificados como «Lafões – Inventário n.º 6 (continuação)», existindo outro grupo semelhante de dois fólios avulso, sem data, identificados como «Casa Lafões», onde estão inventariadas 44 insígnias das Ordens Militares, algumas muito antigas, da casa dos condes de Miranda do Corvo, sem dúvida as insígnias da Ordem de Santiago da Espada representadas nos retratos gravados no Teatro dos Sousas.

Outras entradas referem-se ao «nosso Senhor Duque» e a insígnias «pertença de D. Henriqueta», ou seja, referem-se ao 2.º duque de Lafões, D. João Carlos, falecido em 1806. Finalmente, um registo de «3 colares da Ordem da Torre e Espada», instituída no Rio de Janeiro em 1808, permite concluir a datação destes fólios entre 1810 e 1815.

O outro inventário sobrevivente é um livro encadernado, com as armas ducais de prata aplicadas na capa, com início no fólio 11, tendo as anteriores páginas sido rasgadas, muito provavelmente por ocasião das grandes partilhas realizadas no ano de 1878.

Consta de 5 fólios, sem data, descrevendo 32 insígnias das Ordens Militares e Honoríficas (Cristo, Avis, Santiago, Malta, Santa Isabel, Torre e Espada, Tosão de Ouro), que foram pertença da casa de Sousa, da casa de Vimioso, do arcebispo de Évora, D. Teodósio de Bragança, dos três primeiros duques de Lafões (com insígnias anteriores e posteriores à reforma emblemática de 1789) e do capitão-mor D. Jorge de Sousa, e ainda, cinco peças de ourivesaria de prata com as armas dos Lafões, e um lote de frascos de chá, brasonados (conjuntos esses que também fazem parte deste acervo familiar), terminando com uma «Nota: Foram depositadas no Arsenal Real, várias Ordens e Pratas para serem reparadas». A datação deste livro aponta para cerca de 1840.

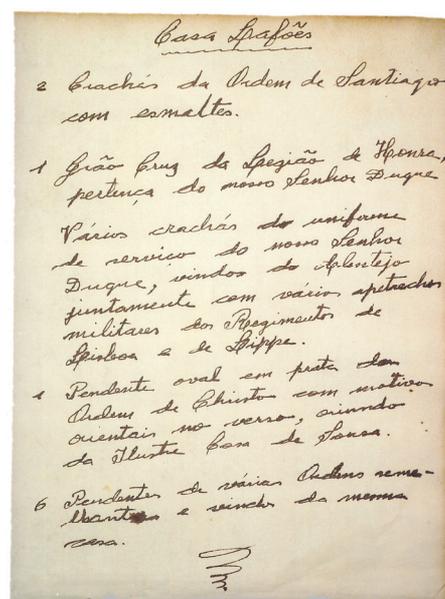
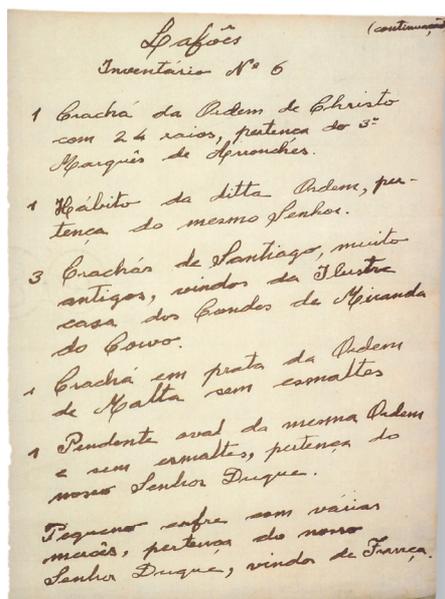
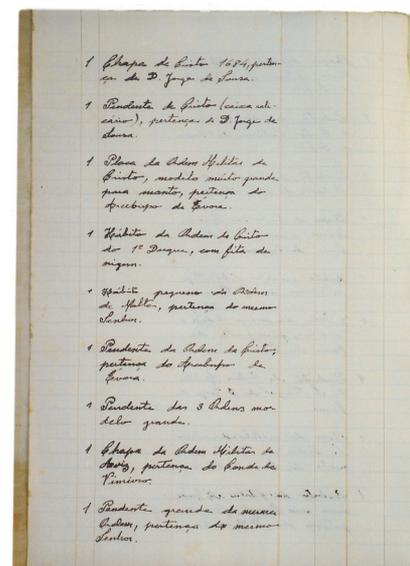
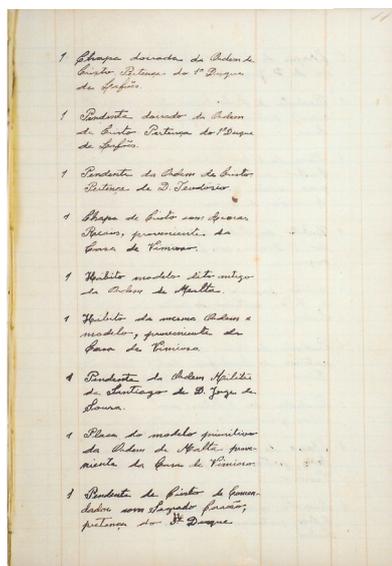


Imagem 15  
«Lafões – Inventário n.º 6 (continuação)».

Imagem 16  
«Casa Lafões».

Imagem 17a-b-c  
Livro encadernado.



> **Insignias ditas do Oriente, do espólio da Casa de Sousa**

Outro conjunto existe que sobressai pela originalidade do desenho das insignias, de nítido recorte indiano, sem paralelo com quaisquer outras de manufatura europeia. De acordo com a identificação manuscrita na etiqueta colada numa placa da Ordem de Cristo, tratam-se de «Peças ditas do Oriente (Espólio da Casa de Sousa) = Capitão D. João de Sousa =>» (não conhecemos a genealogia deste D. João de Sousa, poderá ter sido erro do escrivão).

Outras peças são identificadas como provenientes da «Casa de Sousa», existindo um conjunto da Ordem de Cristo identificado como tendo sido pertença de «D. Jerónimo Coutinho».<sup>6</sup>

Entre as várias insignias deste tipo oriental, seleccionamos para ilustração as duas seguintes:

- **Ordem Militar de Cristo dita do Oriente:** placa com resplendor circular, tendo ao centro uma moldura de pontas encurvadas; pendente oval transfurado e recortado em forma de kriss indiano, tendo no anverso a cruz da Ordem aplicada e, no reverso, as armas reais gravadas (Placa, prata, dia. 97mm, peso 114,2 g. Pendente, prata, oval 99x60x29 mm, peso 81,3 g).
- **Ordem Militar de Santiago dita do Oriente:** grande placa do tipo para manto cerimonial, com resplendor circular recortado em pontas emboladas e transfurado em forma de kriss indiano, tendo ao centro a cruz da Ordem aplicada e, no reverso, as armas de Sousa antigo; pendente oval com a cruz da Ordem gravada no anverso em campo liso limitado

Imagem 18a-b  
Ordem Militar  
de Cristo dita do  
Oriente: placa.



Imagem 19a-b  
Ordem Militar de  
Cristo dita do  
Oriente: pendente.



Imagem 20a-b  
Ordem Militar de  
Santiago dita do  
Oriente: placa e  
pendente.



por moldura de ornatos e pequenos furos, tendo o reverso transfurado e recortado em forma de kriss indiano (Placa, prata, dia. 136mm, peso 115,7 g. Pendente, prata, oval 112x67x33 mm, peso 124,9 g).

### > Insígnias do Capitão-mor do mar da Índia D. Jorge de Sousa

Trata-se de um importante conjunto de insígnias quinzentistas, o qual, a fazer fé nas etiquetas de identificação que acompanham as peças, será igualmente proveniente do espólio da casa de Sousa. Nos registos do livro de inventário da casa Lafões são descritas como segue:

fol. II – 1 Pendente da Ordem Militar de Santiago de D. Jorge de Sousa

fol. II verso – 1 Pendente de Cristo (caixa relicário), pertença de D. Jorge de Sousa.

Os dois pendentes encontram-se ainda hoje no acervo da mesma casa, identificados por etiquetas manuscritas, conforme a ilustração junta:

– **Ordem Militar de Santiago:** pendente oval, bojudo e oco, com a cruz da Ordem gravada no anverso, e o reverso finamente burilado e tracejado ao centro. Na argola de suspensão, a etiqueta “D. Jorge de Sousa/Capitão-Mor” (Prata, oval 98x60x28 mm, peso 62,8 g).

– **Ordem Militar de Cristo, caixa relicário:** pendente oval, bojudo e oco, cortado ao meio, com a cruz da Ordem aplicada no anverso, e o reverso finamente burilado e ornamentado com elementos vegetalistas. No interior, a etiqueta “D. Jorge de Sousa/Capitão-Mor” (Prata, oval, 98x60x30 mm, peso 71,7 g).

De entre os vários Jorge de Sousa catalogados nas genealogias dos Sousas, apenas um vem referido como Capitão-mor de uma armada à Índia, na linha dos senhores de Sagres e de Beringel, descendentes dos Sousa Chichorro, de varonia bastarda real.

Trata-se de D. Jorge de Sousa, filho de D. António de Sousa (c.1475-?), comendador de Alcácer e alcaide-mor de Souzel; neto de D. Martinho de Távora (c. 1450-?), senhor de Sagres e de Niza, alcaide-mor de Fronteira e capitão de Alcácer Ceguer; bisneto de D. Rui de Sousa (1423-1498), senhor de Sagres e 1.º senhor de Beringel;



Imagem 21a-b  
Ordem Militar  
de Santiago,  
pendente.

Imagem 22a-b  
Ordem Militar  
de Cristo, caixa  
relicário.

quarto neto de Martim Afonso de Sousa, capitão de ginetes do infante D. Fernando e 2.º senhor de Mortágua; quinto neto de Martim Afonso Chichorro, do conselho del-rei D. Dinis; e sexto neto de Martim Afonso, por sua vez filho bastardo del-rei D. Afonso III.<sup>7</sup>

A ele se referem as descrições das duas armadas à Índia que comandou nos anos de 1560 e de 1563<sup>8</sup>:

**1560 – D. Jorge de Sousa, Capitão-mor.** Partiu a 20 de Abril na nau Castelo e outras cinco tendo como capitães Vasco Lourenço de Barbuda (nau São Vicente), Jorge de Macedo (nau Rainha), Lourenço de Carvalho (galeão Drago), Rui de Mello da Câmara (nau São Paulo, que no ano passado havia arribado ao reino, o qual invernou no Brasil, e tornando a fazer viagem se foi perder na Ilha de Samatra), e Francisco Figueira de Azevedo (galeão Cedro, que regressou ao reino).

Dado a atraso na partida, ao passarem o cabo da Boa Esperança foram forçados a tomar a rota por fora da ilha de São Lourenço (Madagáscar), com muitos trabalhos e muitas mortes. As naus São Vicente e Rainha conseguiram chegar a Cochim em meados de Novembro. A nau Castelo e o galeão Drago quase que se perderam nos baixios da costa, antes de se safarem e arribarem a Cochim no início de Dezembro de 1560, onde se encontrava o vice-rei D. Constantino de Bragança. As naus Rainha e São Vicente saíram de Cochim carregadas de pimenta em Janeiro de 1561 e regressaram ao reino a salvo. A nau Castelo, por trazer muita fazenda, foi de Cochim para Goa, onde invernou, tendo regressado ao reino em finais de 1561.

**1563 – D. Jorge de Sousa, Capitão-mor.** Partiu a 16 de Março na nau Castelo e outras três: capitães Diogo Lopes de Lima (nau Garça), Vasco Lourenço de Barbuda (nau

São Filipe), e Vasco Fernandes Pimentel (nau Algarvia, que regressou ao reino).

As restantes três naus chegaram a Goa no início de Setembro, sendo vice-rei D. Francisco Coutinho, conde de Redondo. A nau São Filipe soçobrou à vista de terra e perdeu-se. Terminada a carga da pimenta e a escritura das cartas para el-rei, partiram as duas naus Castelo e Garça nos primeiros dias de Janeiro de 1564, tendo regressado ao reino a salvo em finais desse ano.

### > Insígnias das Ordens Militares portuguesas com figurações Namban

Chegamos finalmente ao principal conjunto emblemático deste acervo. Encontra-se identificado nos inventários avulso da «Casa Lafões», fol. 2, como segue:

- 1 Pendente oval em prata da Ordem de Cristo com motivos orientais no verso, oriundo da Ilustre Casa de Sousa;
- 6 Pendentes de várias Ordens semelhantes e vindos da mesma casa.

Assim e no total temos sete insígnias-pendentes das várias Ordens Militares, de prata, com motivos orientais no verso, ou seja, bem diferentes dos pendentes ditos do Oriente, acima ilustrados.

No espólio da casa de Sousa-Lafões existem três pendentes com figuras Namban no verso; outros três pendentes semelhantes, da mesma proveniência, foram adquiridos em antiquários na década de 1990, encontrando-se dois deles actualmente no acervo do Museu de Marinha (inventário, números CO-1087

Imagem 23a-b-c  
A1  
Ordem Militar  
de Cristo.



Imagem 24a-b-c  
A2  
Ordem Militar  
de Avis.



Imagem 25a-b-c  
A3  
Ordem Militar  
de Cristo.



e CO-1089) e um terceiro numa coleção particular em Lisboa.

Das sete insígnias inventariadas são conhecidas seis, que foram divididas pelo tipo de figura *Namban* que ostentam no reverso. O seu estudo permitiu chegar a algumas conclusões inéditas, fascinantes, mas também intrigantes.

**A. Pendentes de Comendador das Ordens com a mesma figura *Namban* no verso** (a esta personagem demos a alcunha de «O Mãozinhas»):

- 1 – **Ordem Militar de Cristo:** anverso com a cruz aplicada em campo liso, com moldura ondulada gravada; reverso com figura de Português *Namban* aplicado em campo martelado, com a mes-

ma moldura gravada (97x60x22 mm, peso 104,1 g, acervo da casa de Lafões).

- 2 – **Ordem Militar de Avis:** anverso com a cruz burilada em campo liso, com moldura de pequenas cruces; reverso com figura de Português *Namban* burilada em campo liso, limitado por cercadura lisa, com a mesma moldura gravada (prata, oval 96x58x24 mm, peso 94,1 g, acervo da casa de Lafões).

- 3 – **Ordem Militar de Cristo:** anverso com a cruz burilada em campo liso, com moldura ondulada gravada; reverso com figura de Português *Namban* burilada sobre um campo martelado, limitado pelo mesmo tipo de moldura (prata, oval 98x59x30 mm, peso 93,0 g, acervo da casa de Lafões).

**B. Pendente de Comendador das Ordens com a mesma figura *Namban* anterior, mas de menor dimensão, tendo ao alto o escudo real sobre âncoras cruzadas:**

- 4 – **Ordem Militar de Avis:** anverso com a cruz aplicada em campo raiado; reverso com figura de Português *Namban*, como acima, mas de menor dimensão, aplicada sobre campo raiado, tendo ao alto o escudo real coroadado, de recorte joanino, sobre duas âncoras cruzadas (prata, oval 97x59x28 mm, peso 83,2 g, coleção particular).

**C. Pendente de Comendador das Ordens com a figura *Namban* de um Capitão-mor** (identificado como o Capitão-mor Vermelho de Kobe):

- 5 – **Ordem Militar de Avis:** anverso com a cruz aplicada em campo liso (com uma perfuração); reverso com a figura do Capitão-mor à esquerda, aplicada em campo liso. Na argola de suspensão, uma etiqueta de atribuição com o nome de D. Sebastião de Menezes, Mestre de Campo (*do Terço da Armada do Mar Oceano*. Museu de Marinha, inv. CO-1087).<sup>9</sup>

**D. Pendente de Comendador das Ordens com duas figuras *Namban* e o escudo real sobre âncoras cruzadas** (mercador e o seu pequeno ajudante):

- 6 – **Ordem Militar de Santiago:** anverso com a cruz aplicada em campo liso, limitada por moldura de gravados florais; reverso com duas pequenas

figuras *Namban*, aplicadas em campo liso com a mesma moldura, tendo ao alto o escudo real coroado, de recorte joanino, sobre duas âncoras cruzadas, igual a B4 (Museu de Marinha, inv. CO-1089).

> **As lacas *Namban* das colecções portuguesas**

O estudo destas figuras *Namban* foi facilitado pelo facto de o autor ter sido vogal da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, entre 1987 e 2000, de ter feito parte do grupo de trabalho que preparou as comemorações Luso-nipónicas de 1993, alusivas aos 450 anos do Encontro de Culturas entre Portugal e o Japão, e de ter sido o editor responsável pelo livro *Portugal e o Japão – O Século Namban*, da autoria de João Paulo Oliveira e Costa (INCM, Departamento de Moeda e Valores Metálicos. Edições em Português, Japonês, Inglês e em Alemão).

Além dos elementos bibliográficos do seu arquivo pessoal, foram consultadas as bibliotecas do Museu do Oriente, em Lisboa, e do Centro de Estudos de Cartografia Antiga, cujos valiosos acervos em imagens de peças e biombo *Namban* permitiram identificar as figuras gravadas nestas insígnias das antigas Ordens Militares portuguesas.

Assim, foi com surpresa que demos com a figura do «mãozinhas», pintada a ouro numa das faces do famoso polvorinho do Museu Nacional de Arte Antiga (madeira lacada com figuras em relevo, com folhas de prata e pó de ouro, dim. 30x26x6,5 cm; Inventário 931) e, na outra face, a mesma composição do comerciante português e do seu pequeno ajudante que figura no pendente D6. Figuras essas que também se encontram pintadas noutra famosa peça, a caixa-escrivãzinha do Museu do Caramulo.

Que existe de particular nestas duas peças lacadas? Segundo Maria Helena Mendes Pinto, ambas são produto da mesma oficina japonesa, do período Momoyama (1573-1614) e de cerca de 1600; ambas foram fabricadas para consumo interno japonês e não para exportação; ambas foram adquiridas na primeira metade do século xx no Japão por colecionadores particulares portugueses.<sup>10</sup>

Na verdade, essas duas lacas com as mesmas figuras, e certamente muitas outras semelhantes no estilo



Imagem 26  
A1, A2 e A3  
Ordem Militar  
de Cristo.

Imagem 27a-b-c  
B4  
Ordem Militar  
de Avis.

Imagem 28a-b  
C5  
Reverso, Ordem  
Militar de Avis.

Imagem 29a-b  
D6  
Reverso, Ordem  
Militar de Santiago.

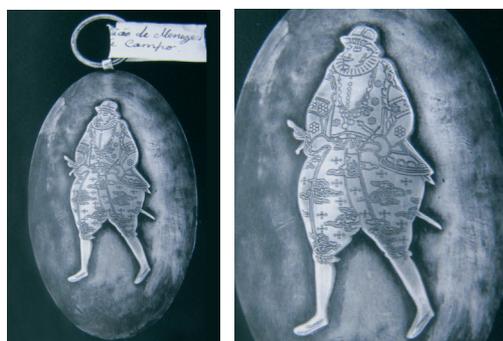


Imagem 30a-b-c-d  
Polvorinho.  
Museu Nacional  
de Arte Antiga.



Imagem 31a-b  
Caixa-escrivãzinha.  
Museu do  
Caramulo.



e figurações, foram mesmo fabricadas para exportação.

As figuras *Namban* gravadas na prata destes seis pendentos de Comendador das antigas Ordens Militares portuguesas copiaram um dos motivos clássicos mais usados nas lacas japonesas do chamado século cristão, a figura do português com calças indianas largas (bom-bachas), chapéu cónico e espada à cinta. O que nos permite desde logo datar os pendentos como seiscentistas.

Acresce o facto de que o formato do escudo real coroadado, sobreposto sobre âncoras cruzadas nos pendentos B4 e D6, além de indicar que os seus possuidores eram marinheiros ou soldados-marinheiros, aponta claramente para um período pós-Restauração. O que reduz o intervalo temporal do seu fabrico para 1640-1680.

Uma outra particularidade existe no pendente D6, onde o grupo de duas figuras é representado em posição simétrica à do original pintado e lacado no polvorinho e na caixa-escrivãzinha. Já o mesmo não sucede na representação do «mãozinhas» nos quatro primeiros pendentos.

Terão sido gravadas por ourives portugueses ou por artífices indianos? Terão existido outras lacas produzidas na mesma oficina, com as mesmas figuras, que tenham sido exportadas para Goa ou para Lisboa no início do século XVII, e que tenham servido de modelo a ourives indianos ou portugueses?

O conhecimento que temos destes pendentos de Comendador, bojudos e de portar ao pescoço, leva-nos a admitir que o seu fabrico é português de Lisboa e que tenham sido ourives nacionais a copiar as figuras das lacas *Namban*, para os pendentos de prata encomendados pela ilustre Casa de Sousa.

#### > Um Capitão-mor Vermelho *Namban* num biombo de Kobe que nunca saiu do Japão

Igualmente intrigante é a figura do Capitão-mor da nau do trato, o famoso navio de Amacao, que não coincide com nenhuma figura representada em outras lacas ou biombos conhecidos em museus portugueses (Museu do Oriente e MNAA) ou nas colecções estrangeiras consultadas, mas que foi reconhecido num único par de biombos do Museu da Cidade de Kobe, no Japão, proveniente de uma colecção particular.

Tal como muitos outros, teriam guarnecido as paredes das salas de castelos dos senhores dáimios, tendo sobrevivido até aos nossos dias, sem nunca terem saído do Japão. No catálogo do Museu de Kobe este par é descrito como segue:

«*Namban Screens by Kanô Naizen. Azuchi-Momoyama period (1573-1603). Pair of six-fold screens, color on gold-leaf paper. 155,5 x 364,5 cm (each). Kobe City Museum. (Sakamoto, 2008, nr. 3)*»<sup>11</sup>

São atribuídos ao pintor Kanô Naizen (n.1570-m.1616) e portam a sua marca pessoal, sendo datados do período 1593 a 1603 pelos especialistas japoneses. Esta datação é importante para nós, pois irá permitir, por sua vez, atribuir uma datação aos pendentos de prata.

Interessa-nos ver em pormenor a figura do Capitão-mor no biombo da chegada, reconhecido pelo pára-sol que o protege. Ao contrário de outras representações em biombos semelhantes da mesma escola e artista, como os do MNAA, onde o Capitão-mor é sempre representado envergando vestes pretas e chapéu cónico, neste, o Capitão-mor usa bombachas vermelhas ricamente decoradas, gibão vermelho também ricamente bordado, capa preta bordada a ouro e chapéu de copa direita, num estilo que logo o distingue de todos os outros. Além disso, usa bigode e pêra pontiaguda, espada comprida de grande copa aberta no flanco esquerdo, cuja ponta é visível por detrás, adaga comprida no flanco direito e colar ao pescoço onde se prende o apito. O calcanhar direito levantado imprime à figura um movimento para a frente.

Em 2011 foi leiloado em Londres um par de biombos atribuídos à mesma escola e artista, e que são uma cópia do par do Museu de Kobe. A figura do Capitão-mor neles representada tem chapéu de copa direita e apresenta-se na mesma posição do anterior, mas as vestimentas são pretas, não tem a espada comprida à cinta e todo o conjunto revela inferior qualidade de composição e de pintura.<sup>12</sup>

Comparando esta emblemática figura com a do pendente C5 (Museu de Marinha, inv. CO-1087), verificamos que as duas são perfeitamente coincidentes em todos os pormenores, muito embora a figura aplicada na prata do pendente seja representada em posição simétrica do original pintado.

Também neste caso se poderá concluir que, sendo o par de biombos de Kobe datado de 1593 a 1603, o pendente de prata onde foi depois reproduzido terá que ser seiscentista, pós-Restauração, mas a sua datação remete para um período largo de quase meio século.

Permanecem, no entanto, as mesmas questões anteriores: como é possível que a única representação conhecida do Capitão-mor vermelho num biombo de Kobe de c. 1593 – 1603, que nunca saiu do Japão, tenha aparecido gravada numa insígnia da Ordem Militar de Avis de fábrica portuguesa, de um soldado-marinheiro português do séc. XVI-XVII?

Poderá colocar-se a hipótese de que o biombo de Kobe tenha sido visto e admirado num grande castelo



Imagem 32a-b  
Biombos do  
Museu de Kobe.  
Em baixo, chegada  
da nau de trato.  
Capitão-mor  
vermelho.

senhorial, dado a sua excepcional qualidade de manufatura, e o seu desenho, ou do seu Capitão-mor vermelho, levado de volta por outro Capitão-mor português para Goa ou para Lisboa, antes do encerramento dos portos japoneses em 1637. Uma hipótese que não convence.

A perfeição do desenho do Capitão-mor vermelho, gravada na prata com toda a riqueza de pormenores da sua indumentária, parece-me, salvo melhor opinião, que obrigaria a uma observação atenta do original. Ou seja, algures no tempo, terá existido em Portugal ou em Goa, um biombo ou uma outra peça Namban, com a figura desse mesmo Capitão-mor vermelho, que foi vista, admirada e copiada por encomenda do Mestre-de-campo do Terço da Armada Real, D. Sebastião de Vasconcelos e Meneses, para um seu pendente de Comendador da Ordem Militar de Avis.



## > Conclusão

O estudo iconográfico das insígnias quinhentistas preservadas no espólio da ilustre Casa de Sousa (Arronches) Lafões, permite um olhar inédito sobre a representação emblemática das insígnias dos graus de Cavaleiro

e de Comendador das antigas Ordens Militares portuguesas dos séculos XVII e XVIII, materializando na prata lavrada os pendentos que até agora só eram conhecidos pelas suas representações pictóricas em retratos da época dos Descobrimentos e da Expansão.

De entre as muitas peças que compõem esse antigo espólio emblemático, o autor seleccionou um conjunto de insígnias quinhentistas das Ordens Militares de Cristo e de Santiago (caixa-relicário), identificadas como tendo pertencido a D. Jorge de Sousa, Capitão-mor das armadas da Índia de 1560 e de 1563; e um outro importante conjunto de seis pendentos seicentistas cujas gravações ornamentais apresentam figurações de inspiração *Namban*, presentes em lacas japonesas sobre madeira (*Urushi*), fabricadas cerca de 1600, e num biombo do Museu de Kobe, pintado cerca de 1593-1603.

Outros conjuntos de insígnias de Comendador das três Ordens Militares mais tardias, de finais de seiscentos, igualmente importantes pelo seu ineditismo emblemático e pela sua identificação como provenientes da Casa de Sousa, apresentam estilos de fabrico luso-indianos de rara beleza iconográfica.

A importância histórica destas insígnias provém também da sua identificação e descrição em inventários manuscritos oitocentistas da Casa dos Duques de Lafões, herdeiros da grande Casa de Sousa (Arronches).

O autor deseja agradecer a sempre amável colaboração recebida dos actuais detentores deste espólio familiar da ilustre casa de Lafões, que possibilitou o seu estudo, fotografia e reprodução de algumas das peças neste artigo.

\* António Miguel Trigueiros (Coimbra, 1944) é engenheiro químico e autor de uma vasta obra de investigação que cobre os campos da Numismática, da História Monetária, da Notafilia, da Medalhística e da Emblemática/Falerística. Os seus principais trabalhos estão publicados no editor digital [www.estudosdenumismatica.org](http://www.estudosdenumismatica.org), uma organização sem fins lucrativos criada por si em 2010, como contribuição para o acesso livre e universal ao conhecimento nas ciências e humanidades.

#### NOTAS

- 1 «Ínsignias das Ordens Militares Portuguesas dos séculos XVI e XVII». *Actas do Congresso Internacional Vasco da Gama: Homens, Viagens e Culturas*. Lisboa: CNCDP, 1998, vol. I, pp. 551-558. Uma versão digital em formato pdf encontra-se em [www.estudosdenumismatica.org/Emblemática](http://www.estudosdenumismatica.org/Emblemática).
- 2 Conforme a base de dados sobre as datas das atribuições das Comendas das Ordens Militares, organizada pelo Prof. Nuno Gonçalo Monteiro (ISCTE; UL),

que teve a gentileza de me informar. Note-se, no entanto, que a representação pictórica, colorida, não tem correspondência nos pendentos de prata das Ordens dessa época, cujos distintivos não eram esmaltados. Tal só irá acontecer a partir do início de setecentos.

- 3 *Os Construtores do Oriente Português*, catálogo da exposição. Lisboa: CNCDP, 1998. (Nr. 2, retrato de D. Vasco da Gama; nr. 34, retrato de D. Francisco de Almeida).
- 4 Museu Naval de Madrid, catálogo nr. 646: «Óleo sobre lienzo (72 x 61 cm), anónimo. Copiado em 1848 de un original que estaba en 1787, según Vargas Ponce, en la casa del canónigo de la catedral de Toledo don Felipe Vallejo, y del que Fernando Selma sacó el grabado que figura en la Relación del último viaje al Magallanes, publicado en Madrid en 1788».
- 5 Genericamente designado por *Teatro dos Sousas* (ver a bibliografia), com os retratos datados de 1693.
- 6 Existe um Capitão-mor com este nome, na armada à Índia de 1586.
- 7 Vide o conhecido *Nobiliário de Felgueiras Gayo*, título dos Sousas, pp. 69, § 66; p. 236, § 332 nr.17; p. 241, § 335, nr. 18; e p. 245, § 337, nr. 21.
- 8 Narrativa composta pelo autor, vistas as descrições constantes no documento *Armadas que partiram para a Índia (1509-1640)*, da Biblioteca Nacional de Lisboa: *Reservados*, caixa 26, nº 153; e a crónica *Da Ásia de Diogo de Couto*, Década Sétima, Parte Segunda, Livro IX, páginas 334 e 560.
- 9 Talvez seja D. Sebastião de Vasconcelos e Meneses, nomeado Mestre-de-campo do Terço da Armada em Junho de 1641 (ver a bibliografia). O primeiro corpo de infantaria da Marinha foi criado em 1621, designado por Terço da Armada Real da Coroa de Portugal, passando a Terço da Armada Real do Mar Oceano após a restauração de 1640. Em 1707, foi designado como Regimento da Armada e, em 1797, recebeu o nome de Brigada Real de Marinha, sendo este último o ascendente directo do Corpo de Fuzileiros Navais de Portugal e do Brasil.
- 10 Estas duas icónicas peças são bem conhecidas dos especialistas e estudiosos (ver a bibliografia). No entanto, a existência destes pendentos de prata das Ordens Militares portuguesas não deixa margem para dúvidas: as lacas *Namban* onde se inspiraram foram mesmo exportadas para Goa ou para Lisboa. Resta pensar que algumas delas regressaram muito mais tarde ao Japão por compra particular, para voltarem a ser, depois, novamente adquiridas por colecionadores portugueses residentes no Japão.
- 11 Via Internet é possível aceder tanto ao biombo do Museu de Kobe, em [http://www.city.kobe.lg.jp/culture/culture/institution/museum/meihin\\_new/elements/405bL.html](http://www.city.kobe.lg.jp/culture/culture/institution/museum/meihin_new/elements/405bL.html), como também a uma grande base de dados sobre biombos e artefactos *Namban*, organizada pelas embaixadas do Japão na Europa, em <http://japaneseembassies.wordpress.com/namban-byobu-catalogue/>
- 12 Descrito no catálogo como «*Namban Screens attributed to Kanô Naizen. Each sealed Kano Naizen and Shigeasto. Pair of six-panel screens. Ink, color gold and gold leaf on paper. 160 x 360 each. Christie's 23 March 2011, Sale 2426. Lot 854.*» O texto desse catálogo do leilão vem em <http://www.christies.com/features/southern-barbarians>

#### BIBLIOGRAFIA

- Actas do Congresso Internacional Vasco da Gama: Homens, Viagens e Culturas*. Lisboa: CNCDP, 1998, 1.º volume, pp. 551-558.
- COSTA, João Paulo Oliveira e. *Portugal e o Japão – O Século Namban*. Lisboa e Tóquio: INCM /CNCDP, 1993. Coordenação editorial de António Miguel Trigueiros, director do Departamento de Moeda e Valores Metálicos (Casa da Moeda).
- Encomendas Namban: Os Portugueses no Japão da Idade Moderna*, catálogo da exposição, Museu do Oriente. Lisboa: Fundação Oriente, 2010, pp. 49 e 50.
- GAYO, Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal – Título de Sousas*. Braga: 1941.
- MATOS, Gastão de Melo de. *Notícias do Terço da Armada Real, 1618-1707*. Lisboa: Imprensa da Armada, 1932, p. 27, 29 e 113.
- MENDES PINTO, Maria Helena. *Lacas Namban em Portugal: presença portuguesa no Japão*. Lisboa: Inapa, 1990 (Polvorinho, p. 54-55; Escrivantina, p. 49-50).
- MENDES PINTO, Maria Helena. *Arte Namban: os portugueses no Japão*. Lisboa: Fundação Oriente/MNAA, 1990 (Polvorinho, p. 37; Escrivantina, p. 45).
- MENDES PINTO, Maria Helena. *Biombos Namban*. Lisboa: MNAA, 1993.
- MOREIRA, Manuel de Sousa. *Theatro Histórico Genealógico y Panegyrico erigido a la Inmortalidad de la Excelentissima Casa De Sousa*. Paris: 1694. Os retratos foram gravados a buril por B. de Almeida, em 1693.
- Museu do Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, 2008 (Biombo, p. 80-81).
- VALERIANO DE SÁ, Francisco. *Vice-Reis e Governadores da Índia Portuguesa*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1998. Onde os retratos estão fotografados a cores pelo autor.
- Via Orientalis*, catálogo da exposição EUROPÁLIA'91. Bruxelas: Fundação Oriente/CGER, 1991 (Polvorinho, p. 192).